

OLGA CARNEIRO  
olgasc@dep.uminho.pt  
COLECIONADORA<sup>1</sup>

## COLECIONAR POSTAIS ILUSTRADOS

Dado que escrevo este texto na qualidade de colecionadora<sup>2</sup>, a minha prosa vai incidir numa breve caracterização da minha coleção de postais ilustrados antigos de Braga e no modo como se foi constituindo. Numa segunda fase, fará sentido tentar caracterizar o perfil psicológico do colecionador, esse ser tão estranho. Essa segunda parte poderia intitular-se “eu colecionadora me confesso”.

Começando pela coleção, posso dizer que já tem bastantes anos. O seu embrião, e vou explicar mais adiante porque lhe chamo embrião e não coleção, surgiu em 1995, aquando do arranjo da Praça da República, originado pela construção do parque de estacionamento subterrâneo. Quando me apercebi, já quase no fim da obra, da enorme transformação da fisionomia da Praça, tive, como em tantas outras situações similares, a reação: – Que pena, não fotografei antes! Tenho a certeza de que daqui a poucos meses já não me vou lembrar como isto era! Foi então que me ocorreu uma ideia, aparentemente inocente, que veio a meter-me em grandes trabalhos e despesas, pouco tempo depois: – Já sei, vou percorrer os quiosques da zona e comprar postais, com a versão anterior da praça, para mais tarde poder lembrar! E pronto, ainda sem o saber, ali começava mais uma coleção...

Assim foi, comprei postais que retratavam a praça antes da intervenção recente, e ainda outros com versões anteriores. Estes primeiros postais modernos levaram-me, inevitavelmente (porque tenho o tal perfil de colecionador), ao passo seguinte: – Isto é muito interessante! Vou comprar postais antigos de Braga, para poder acompanhar a evolução da cidade nas últimas décadas. Confesso que este foi um momento perigoso para

---

<sup>1</sup> Departamento de Engenharia de Polímeros da Universidade do Minho

<sup>2</sup> Este texto serviu de base a uma intervenção da autora num debate sobre os postais na vida da comunidade, no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, no dia 7 de março de 2009. Por essa razão, as pequenas alterações a que foi sujeito não apagam as marcas de discurso oral para que foi originalmente preparado.

quem, como eu, tinha desde miúda predisposição (nem sempre passada à prática, felizmente) para colecionar o que quer que fosse! Numa primeira fase, estas coisas vão acontecendo lentamente, de modo muito racional, pelo que na altura decidi apenas comprar postais bem representativos de locais muito diferentes da cidade. Obviamente, pouco tempo depois, esta vontade de ter retratadas as principais zonas da cidade, através de postais, passou a coleção. Então, a atitude mudou e já tudo servia de pretexto para adquirir mais uma postal. De facto, a maioria destas peças é monocromática, mas algumas foram editadas em cores diferentes. Se tinha o sépia e via um verde, comprava (– Que interessante, em verde ainda não tinha visto!); se tinha um verde e via um sépia, comprava – Curioso, em sépia consegue ser ainda mais bonito!). Passei a comprar tudo o que não tinha, inclusive postais feitos a partir de fotografias, tiradas em instantes sucessivos, com mais um automóvel, menos um automóvel, poucos graus ao lado, etc, etc.

Penso que o leitor começa já a perceber como funciona a mente do colecionador: todas as desculpas são boas para adicionar mais uma peça à coleção.

Apesar desta procura incessante, de mais e mais exemplares, deve ficar bem claro que uma coleção é muito mais do que um amontoado de objetos do mesmo tipo. Quando não passa disso, é um ‘ajuntamento’. Uma coleção tem um tema, tem de reunir exemplares raros (não necessariamente caros, mas, em todo o caso, difíceis de arranjar), tem de ter uma estrutura e estar organizada, tem de ter um fio condutor e estar documentada, e mesmo ser complementada com outros elementos. Assim, o colecionador tem de se especializar, dominar o tema, comprar livros relacionados, guardar recortes de jornal, fotografias, *sites* da internet ... Tudo isto é necessário para se poder avaliar o grau de raridade de uma peça, para perceber o que ilustra, a que época se reporta – dados essenciais para organizar a coleção, e ter uma história para contar quando a mostramos a alguém.

Voltando à evolução da minha coleção, o conceito de “postal diferente”, no início tão claro, foi-se tornando cada vez mais difuso e de interesse incompreensível para as demais pessoas. Foi assim que, de decisão em decisão, em 2008 já reunia cerca de 800 postais antigos de Braga e mais de 600 modernos (compro os modernos, porque daqui a uns anos vão ser antigos...). De facto, o passo seguinte foi alargar a coleção, esquecendo o objetivo inicial de seguir as transformações da fisionomia urbana, passando também a considerar postais que retratassem instituições (por exemplo, o desaparecido Collegio do Espírito Santo, ou os belos interiores do Theatro Circo) e eventos (as Festas do S. João, o Congresso Eucarístico Nacional de 1924, o Congresso Etnográfico e Folclórico de 1956). Mais tarde, alarguei o

meu interesse aos postais ditos comerciais (publicitários), utilizados pelas casas comerciais, serviços e indústrias de Braga na sua própria correspondência. Se no início os achava pouco belos, mais tarde fui-me convencendo (comportamento característico do verdadeiro colecionador!) de que tinham grandes encantos. De facto, estas peças contêm informação riquíssima sobre o tipo de comércio e indústria existentes no início do século XX (por exemplo, permitem concluir que a maior parte das lojas comerciais eram verdadeiras lojas de aldeia, vendendo desde alimentos a materiais de construção) e sobre o modo como se efetuavam as transações (a maioria está escrita com uma caligrafia irrepreensível, com um texto muito elaborado/formal e frequentemente, tudo isto para se negociarem meia dúzia de pregos...). É muito interessante seguir esta evolução dos negócios, não só na especialização que sofreram posteriormente, mas também na simplificação do processo de comunicação com o cliente.

A última 'abertura' da temática da coleção a que cedi foi o Bom Jesus. Apesar de o meu pai ter reunido centenas de postais sobre esta estância, nunca me cativaram muito, pelo facto de o Bom Jesus, felizmente, não ter sofrido grandes alterações no último século. Até ver (!), compro apenas aqueles que me tocam pela sua raridade, postais publicitários dos hotéis, postais mecânicos (com desdobráveis), postais retratando dias de festa... Não tenho a certeza se vou manter esta decisão, e não me admiraria se daqui a algum tempo decidisse começar a comprar tudo sobre o Bom Jesus, Sameiro, Falperra,...

Como é possível constatar, o espectro da coleção vai alargando, principalmente quando começamos a sentir dificuldades em arranjar novos exemplares. É que, para quem não saiba, o fluxo de entrada tem de ter alguma continuidade, caso contrário, o colecionador desmotiva e pode abandonar a coleção...

Sem grande esforço, a conversa vai mesmo prosseguir com a caracterização do perfil psicológico do colecionador, esse ser tão estranho. Vou falar de mim, obviamente, mas julgo não me enganar muito ao pensar que a maior parte das coisas que vou dizer se aplica à generalidade dos colecionadores, seja qual for o objeto da sua coleção.

Acho que o colecionador tem uma personalidade específica e que, por isso, se pode considerar anormal, no sentido lato de "ser diferente do comum dos mortais". Tem um mundo mágico, que só é mágico para si, onde de vez em quando entra e fica absorto. Vê e revê a sua coleção cada vez que lhe adiciona mais uma peça, procura incessantemente mais exemplares e o melhor modo de os organizar. Adquire uma perspicácia única. Vê o que mais ninguém vê e aprende a apreciar o que mais ninguém aprecia.

Uma coleção faz-se com paixão, com tempo e dedicação. Quantas horas, de prazer, gastas na procura de um novo postal entre centenas; quantas horas, divertidas, à procura de uma referência que permita identificar uma imagem retratada num postal: nos livros, a deambular pela cidade com um postal na mão, à procura de uma fachada, de um detalhe, de uma pista...

Penso que os não colecionadores chegam a ter pena de nós, por gastarmos tanto do nosso tempo, energia e dinheiro numa coisa tão sem graça (para eles, claro!). Só outro colecionador nos entende, embora, mesmo assim, ache que apenas parcialmente. De facto, penso que um filatelista é capaz de achar um desperdício alguém gastar tanto tempo, energia e dinheiro a fazer uma coleção de postais. Com tudo isto, pensa, já podia ter uma razoável coleção de selos! Ou seja, ninguém nos entende completamente, a não ser que colecione exatamente a mesma coisa.

No entanto, e para que isto não fique muito desequilibrado, devo dizer que o colecionador também faz juízos de valor sobre o não-colecionador. Aí, é a nossa vez de sentirmos pena: – Coitado, sem uma única coleção! Como se entreterá? Como passará os dias de chuva? Não tem acesso ao mundo mágico!

Não quero ser maçadora, nem tão pouco aumentar a certeza de algum psicólogo, de que um colecionador é uma pessoa que precisa de ajuda... Para terminar, gostava apenas de referir o terrível dilema do colecionador.

Por um lado, uma coleção tem de ser difícil de construir. Na minha idade, por exemplo, já não basta uma coleção de cromos: sabe-se, à partida, que se vai completar e que vai ser igual a milhares de outras. Deve dar luta, ser diferente, obrigar a estudar e, se possível, ser única. No entanto, não pode ser demasiado difícil (em termos de disponibilidade de exemplares ou custo dos mesmos), pois há a tal condição essencial da continuidade relativamente ao fluxo de entrada... Neste momento, o meu objetivo é ter todos, mas mesmo todos, os postais mais raros de Braga. É essa a minha motivação.

Agora, o reverso da medalha, o horror do colecionador: – E se eu consigo mesmo ter tudo? Nesse caso, deixo de colecionar postais, certo? Pois é... Foi o que me aconteceu com a coleção de selos de Portugal: acabou, está feita, perdeu o interesse!

Acabo, assim, com este conflito interessante: o motor de uma coleção é exatamente aquilo que, mais cedo ou mais tarde, a vai aniquilar. É estranho, não acham?

Citação:

Carneiro, O. (2017). Colecionar postais ilustrados. In M. L. Martins (Ed.), *Os postais ilustrados na vida da comunidade* (pp. 209-212). Braga: CECS.